

RESEARCH

Desenvolvimento do mercado de drogas brasileiro em direção à África: mitos, evidências e questões teóricas

Corentin Cohen

Sciences Po, CERJ, BR

corentin.cohen@sciencespo.fr

Por meio pesquisa original e análise da literatura, discuto neste artigo o desenvolvimento de um mercado transatlântico de drogas entre o Brasil e a África Ocidental, bem como suas implicações para a cadeia de valorização do tráfico e o desenvolvimento brasileiro. Depois de detalhar os principais momentos da história dessa rota do tráfico, demonstro o surgimento de um mercado global de proteção, em redes transatlânticas, a partir de alianças entre agentes criminais latino-americanos e grupos de elite da África Ocidental. A segunda parte do artigo foca na alta concentração de capital criada pelas exportações de cocaína. Analisando o desenvolvimento do comércio marítimo e a centralidade dos portos nessa economia, demonstro como esses mercados globais afetam as práticas e as estratégias dos atores do tráfico, bem como o seu uso da violência. A última parte do artigo analisa o mercado de 'mulas' [transportadores individuais] do tráfico em São Paulo, e as estratégias das redes para minimizar suas perdas contratando nigerianos de baixo custo. Finalmente, o artigo demonstra como esse mercado atraiu grupos cultistas da Nigéria e conectou o Brasil com outros mercados ilegais.

Palavras-chave: Mercados; desenvolvimento; proteção; clientelismo; mulas de drogas; transatlântico

Introdução

O tráfico de drogas entre o Brasil e o continente africano foi pouco estudado na literatura científica.¹ Uma das razões mais óbvias dessa lacuna é a falta de dados disponíveis ao público e a impenetrabilidade dos grupos que organizam esse comércio. Outra razão provável é que etnógrafos e sociólogos que tentaram conectar os nós entre os dois lados do atlântico receberam pouco ou nenhum acesso a portos e aeroportos. Essas restrições físicas levaram a poucos estudos e tiveram consequências: em primeiro lugar, abriram espaço para o desenvolvimento de um imaginário que liga diretamente imigrantes africanos ao tráfico e, portanto, provoca a criminalização dos traficantes de rua, que ocupam as posições mais visíveis e vulneráveis das redes. Uma segunda consequência dessa lacuna tem sido a confiança nas fontes de dados institucionais, particularmente os produzidos pela UNODC relativos às dinâmicas dos mercados ilegais. Instituições internacionais e órgãos públicos que organizam a guerra às drogas mediram a participação do tráfico no PIB de alguns países em uma tentativa de avaliar a importância da prática para essas economias.² A ONU também faz uma avaliação periódica do volume de drogas que circularia entre as regiões. No entanto, essas estatísticas são baseadas em declarações fornecidas pelos próprios Estados,³ baseadas em apreensões policiais, que tendem a aumentar ou diminuir segundo a conjuntura. Dados relacionados às prisões podem ser um bom indicador da intensidade desses fluxos, mas eles também refletem as políticas relativas ao tráfico e, geralmente, se concentram em indivíduos de pouca influência e responsabilidade.

¹ Este artigo usa dados coletados em entrevistas anônimas e trabalhos de campo realizados em São Paulo, Rio de Janeiro, Dakar, Paris, Lagos e Cidade de Benin entre 2014 e 2018.

² Por exemplo, segundo a Agência de Assuntos Internacionais Relacionados a Drogas e Execução da Lei, afiliada ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, a produção de maconha chega a representar 23% do PIB do Marrocos (United States Department of State, Bureau for International Narcotics and Law Enforcement Affairs, 2017).

³ Entrevista em Dakar, dezembro de 2016.

Duas preocupações se sobrepuseram e levaram a um crescente interesse de instituições internacionais no tráfico de drogas para a África. Primeiro, a preocupação com a Guiné-Bissau, chamada de “narcoestado” (Chabal & Green 2016), embora pesquisadores não concordem com a noção, que não leva em conta o papel desse tipo de renda na região, nem o envolvimento do Estado – fatores responsáveis pelo desenvolvimento de situações diferentes em países reunidos sob essa denominação, como Afeganistão, Colômbia, Guiné-Bissau e Marrocos (Chouvy 2016). Segundo, o interesse foi impulsionado pelas narrativas, fortalecidas pela UNODC, de um “narcoterrorismo” global na África Ocidental. Parece não haver evidências da conexão entre o tráfico de drogas, a Al Qaeda e o ISIS (Larcher 2014; Tinti 2014), mas é provável que a instituição possa usar essa narrativa para atrair recursos e legitimar suas ações.⁴

Em vez de discutir acerca dos volumes traficados, este artigo pretende focar em questões teóricas surgidas a partir desse comércio transatlântico, bem como nos papéis do Brasil e da África na transformação dos mercados globais das drogas. Estudando o desenvolvimento do mercado da cocaína na Colômbia, Thoumi (2005) argumenta que o principal fator para a evolução do tráfico de drogas não foi o baixo custo da produção da coca ou a pobreza, mas sim, a corrupção e o desrespeito generalizado às leis do Estado. Autores como Beckert e Wehinger (2013) também concluem que os mercados ilegais dependem de relações pessoais, e que as reputações dos agentes são cruciais para garantir previsibilidade a uma mercadoria com pouca transparência de preços. Mas essas conclusões se aplicam ao caso da África? Elas subentendem que a racionalidade econômica e as estratégias de custo-benefício do risco não são centrais às estratégias do contrabando? As reflexões sobre os mecanismos de mercado também não descrevem “como” esses mercados globais afetam práticas e estratégias de agentes do tráfico. Meu foco neste artigo é tentar responder a dois conjuntos de questões:

Em primeiro lugar, as duas regiões funcionam somente como rotas de trânsito? Até que ponto a noção de “mercado transatlântico” faz sentido? Há um mercado global de proteções para o tráfico transatlântico de drogas? Secundariamente, e caso exista, a aparição de novos intermediários e redes põe em xeque a organização do tráfico existente? Qual é a dinâmica da relação entre empresários estabelecidos e os novatos? Quais são os recursos, competências e habilidades que esses novatos oferecem e de quais dependem para desenvolver suas estratégias? De que forma eles se distanciam dos empresários já estabelecidos? As habilidades necessárias para trabalhar em portos e aeroportos, recrutar mulas estrangeiras ou transferir e lavar dinheiro do outro lado do Atlântico devem ser bem diferentes daquelas necessárias nas bocas de fumo.

Depois de apresentar brevemente a história do desenvolvimento do tráfico de drogas entre o Brasil, a América Latina e a África, este artigo vai mostrar como surgiu o mercado transatlântico de proteções. Essas proteções explicam o desenvolvimento de diferentes estratégias e contribuíram para a inclusão do tráfico transatlântico de drogas na economia global. Antes um entreposto de transição, a África Ocidental passou a ser um mercado consumidor e incluiu o Brasil no mercado global de outras drogas, como metanfetamina e heroína. A segunda parte do artigo foca o transporte marítimo de mulas do tráfico entre o Brasil e a África e discute o impacto dessa nova prática sobre a globalização dos mercados ilegais, além de levantar questões acerca do impacto das atividades de exportação sobre o desenvolvimento do Brasil e da cadeia de valores das drogas. Com foco na utilização de mulas nigerianas como mercadorias, a última parte do artigo mostra como novas conexões entre o Brasil e a África e grandes margens de lucro criaram um mercado para o recrutamento de mulas, prática na qual empresários nigerianos começaram agindo como subcontratados e, depois, assumiram papéis mais centrais.

A globalização do mercado e do desenvolvimento de proteções transatlânticas *Brasil e África como rotas para o mundo*

A história do tráfico de drogas entre a América Latina e a África ainda precisa ser escrita. É possível estabelecer alguns marcos para demonstrar que o Brasil foi usado por redes internacionais como um entreposto central para exportação de drogas desde o início dos anos 1990, quando foi estruturado o mercado da cocaína em São Paulo (Telles 2014). Embora a dimensão econômica do tráfico já tenha sido discutida em diferentes trabalhos, como os de Biondi (2010) e Feltran (2010), e seu impacto sobre o desenvolvimento de agentes criminais tenha sido estudado em nível nacional (Misse 2010), o papel dos mercados de exportação da cocaína no Brasil ainda não foram estudados.

Mingardi (2010) identifica a presença de mulas e traficantes nigerianos em São Paulo já em 2001. Em 1997, Peter Christophe Onwumere, um traficante nigeriano importante, foi detido depois de importar

⁴ Conforme declaração de um funcionário sênior da ONU entrevistado em 2017.

cocaína da Bolívia para São Paulo, onde vivia há sete anos. No entanto, relatórios e outros documentos atestam a presença de outros agentes criminais que usavam o Brasil como base para a exportação de drogas, como, por exemplo, um grupo sérvio com base em São Paulo que contrabandeava cocaína a partir do Espírito Santo (Rizzo 2011a). Em 2002, a Polícia Federal identificou um grupo com base em Campinas (São Paulo), que trazia cocaína do Peru para o país. Depois, a droga era enviada para a África do Sul e o Zimbábue. A operação policial levou à prisão de Nelson Yester-Garrido, cidadão cubano que alegava atuar como agente da KGB (Majova et al. 2007). Comunicações diplomáticas divulgadas pelo Wikileaks mencionam a apreensão de drogas que viajavam da Cidade do Leste (Paraguai) para Camarões em 2005 e a consequente prisão de um nigeriano. O grande número de prisões relacionadas não foi obstáculo para a criação de muitas redes diferentes (Embaixada dos EUA em Assunção 2005). Outras investigações também registraram a forma de atuação do grupo siciliano Ndrangheta, que usava a África Ocidental como entreposto para a cocaína que vinha de São Paulo em direção à Europa (Anesi e Rubino 2017). Prisões recentes confirmam que o PCC desenvolveu conexões com a Cosa Nostra (Polícia Federal, Agência de Notícias 2018). Sob essa perspectiva, Brasil e África figuram no mapa do tráfico internacional de drogas há tempos, apesar de servirem somente de bases de distribuição para evitar os controles e despachar grandes remessas — e obterem lucros altos com isso.

Esforços de legitimação: a emergência de um mercado transatlântico de proteções

Em uma tentativa de evitar o controle estadunidense na região do Caribe e reequilibrar as contas após a queda do consumo nos Estados Unidos, o cartel Norte del Vale talvez tenha sido o primeiro agente criminal latino-americano a desenvolver uma rota própria pela África Ocidental para chegar à Europa. Para isso, fez alianças com a elite política e as forças estatais de primeiro nível no continente.

Shaw cita o presidente da Guiné-Bissau, Lino Vieira, reempossado em julho de 2005. Alega-se que ele convidou alguns contatos colombianos, que ele teria conhecido em Portugal através de Lansana Conté, presidente guineense, e de Francisco Barros, intermediário de Cabo Verde conhecido como “Chico” (Shaw 2012). Outra história contada a mim por pessoas envolvidas é que os elos comerciais foram desenvolvidos com a ajuda de cônsules e embaixadores da África Ocidental, que atuaram na sua organização para benefício próprio.

Alguns fizeram acordos com intermediários para comprar e importar grandes quantidades de drogas para, então, vender proteções para as redes e usar seus países como via de acesso à Europa, com o envolvimento das forças policiais e dos exércitos locais.⁵ Essa interpretação condiz com outros casos envolvendo oficiais e diplomatas da Guiné Equatorial, que compravam cocaína no Brasil e exportavam para Europa e Ásia no início dos anos 1990 (Observatoire Géopolitique des Drogues 1994). No entanto, não fica claro se essas eram redes paralelas de tráfico ou se os traficantes usavam ambos os canais. A questão exige maiores investigações. De qualquer forma, em 2005, quando colombianos e mexicanos foram presos na Guiné-Bissau, jornalistas investigativos relataram que eles haviam construído uma pista de pouso clandestina para pequenas aeronaves na ilha (Champin 2010). Na Guiné Conacri, alega-se que traficantes contaram com a proteção da guarda presidencial pelo menos até 2008 (Embaixada dos EUA em Conacri 2008). Além da suposta transformação da Guiné-Bissau em um narcoestado, traficantes também usaram diferentes rotas e desenvolveram relações com a elite em outros países da África Ocidental.

Surgiu um mercado transatlântico de clientelismos, nos quais diferentes produtores e intermediários contavam com redes em permanente conflito umas com as outras. A capacidade de oferecer proteção passou a ser primordial. Como afirmou um oficial alfandegário europeu, “vias e estratégias são adaptadas sempre que os controles são intensificados”, potencialmente percorrendo qualquer trajetória possível para entregar a carga em seu destino.⁶ A criação de voos regulares entre a Colômbia e a África Ocidental via Venezuela pode ter sido consequência dessas estratégias, visto que alguns dos empresários centrais ao setor seriam colombianos residentes na Venezuela, como Daniel Barrera Barrera (InSight Crime 2016). Isso também ficou evidente após o incidente conhecido como “Air Cocaine”, no norte de Mali. Em novembro de 2009, um Boeing 727 pousou no meio do deserto malês. Após algumas horas, soldados chegaram ao local e encontraram traços de cocaína no avião, que havia sido incendiado e estava vazio. O Boeing saía da Colômbia e fizera uma escala em Caracas. O rádio ficou desconectado durante todo o tempo que levou para cruzar o oceano Atlântico. Acredita-se que ele carregava por volta de 10 toneladas de cocaína com destino ao mer-

⁵ Entrevista realizada em dezembro de 2016.

⁶ Entrevista realizada em Dakar em 2016.

cado europeu. Tal empreitada não teria sido possível sem as conexões dos barões da droga com autoridades do governo (Thiolay 2015).

O desenvolvimento desse mercado obscurece as distinções entre atividades legais e ilegais e contribui para o que Bayard, Ellis e Hibou chamam de “criminalização dos Estados” (Bayart, Ellis & Hibou 1997). Além disso, também mostra como o tráfico ilegal de drogas está incorporado ao funcionamento da economia global e como ele se relaciona com os mercados legais, sendo um produto de interações complexas. O Boeing “Air Cocaine” era registrado na Arábia Saudita, mas foi identificado na Guiné-Bissau com outro número, obtido com a ajuda da filial senegalesa de uma empresa espanhola. Acredita-se que a aeronave tenha percorrido o trajeto entre a América do Sul e Mali sem qualquer intervenção das autoridades aéreas locais (Coulibaly 2016). Outro caso importante é a história da *Holgam Company*, liderada por Juan Carlos Sanchez (venezuelano preso na Gâmbia em 2010). Sanchez havia passado os anos anteriores na Guiné-Bissau, onde mantinha uma empresa de pesca de fachada. Ele chegou a receber alvará de funcionamento para a empresa na Gâmbia (African Blog 2013). Sua prisão foi coordenada pela Serious Organised Crime Agency (SOCA), do Reino Unido, e a polícia local, e levantou questões relacionadas à proteção recebida das autoridades locais (Champin 2011). Junto com seus sócios, ele havia alugado uma ilha inteira para construir um “complexo esportivo”, onde os investigadores encontraram dinheiro e armas legais. Em uma outra propriedade, a empresa construíra um abrigo subterrâneo onde foram encontradas duas toneladas de cocaína. Mais recentemente, os Panama Papers revelaram como um famoso traficante usava os serviços da Mossack-Fonseca para lavar dinheiro do tráfico de cocaína entre o Peru e a Holanda (Chittum, Bernstein e Hudson 2016). Isso mostra que essas atividades também dependiam dos serviços financeiros e jurídicos oferecidos por empresas legalizadas.

Desenvolvendo mercados de consumo e produção na África

Depois de servir como zona de transição, a África Ocidental acabou por desenvolver um mercado local de cocaína, heroína e metanfetamina, além de ter testemunhado um aumento paralelo no consumo de medicamentos de qualidade inferior, como os variados do tramadol e da codeína (Klantschnig e Huang 2018). Ellis escreveu que, em 1983, “um jornal nigeriano (...) denunciou a existência de um ‘pequeno mundo da cocaína’ entre as elites de Lagos” (Ellis 2009, p. 177). Há evidências da expansão desse mercado anos depois, e acredita-se que o número de usuários de cocaína tenha atingido três milhões na África Ocidental em 2013 – 2 milhões a mais do que em 1998 (Lasusa 2016). Em 2014, a West African Drug Commission publicou um relatório bastante eloquente intitulado “Not Just in Transit: Drugs, the State and Society in West Africa” (West African Commission on Drugs 2014). O desenvolvimento da demanda também pode ser explicado pelo pagamento de intermediários, além de consumidores turistas e expatriados. Durante visitas a hotéis e casas noturnas em diferentes cidades na Nigéria, nos Camarões e em Senegal entre 2013 e 2017, encontrei uma disponibilidade regular de cocaína e drogas sintéticas.

Outra consequência do desenvolvimento desse mercado foi o surgimento de espaços de consumo de crack em grandes cidades africanas, como Abidjan e Joanesburgo (Ghalia Kadiri 2017). Os dados a respeito do uso de cocaína não são confiáveis, mas, segundo o UNODC, ela havia sido consumida por 2,9% dos jovens de Gana (13–25 anos) ao longo do ano anterior. Em uma recente exploração etnográfica do mercado de heroína em Kisumu (Quênia), pesquisadores ficaram surpresos ao registrar o desenvolvimento de um mercado da cocaína, consumida por 76% das pessoas que foram entrevistadas devido ao seu uso de heroína. Usuários se revezavam para comprar a droga, considerada forte e cara, em Mombaça (Syvertsen et al. 2016). Em relação à produção, laboratórios de metanfetamina geridos por colombianos foram desmantelados em Lagos em 2013. Outro foi desmanchado no estado de Delta, em 2016: ele era administrado por mexicanos afiliados ao cartel de Sinaloa e produzia três toneladas de metanfetamina por ciclo (Sahara Reporters 2016).

Estudos ainda são necessários para determinar até que ponto a combinação do boom na produção de cocaína na Colômbia com o aumento da circulação transatlântica pode vir a reduzir o preço das drogas e das redes de proteções na África Ocidental. É possível que ocorra um alinhamento dos preços praticados na África e na América Latina, tornando as drogas e seus derivados (como o crack) mais acessíveis no continente africano? Ademais, derivados de metanfetamina e heroína provenientes do México e da Ásia podem também vir a substituir a cocaína e ameaçar seu domínio.

Impacto da globalização dos mercados sobre o comércio da cocaína

O Brasil é hoje considerado a principal rota de transporte de cocaína para a Europa, a África e a Ásia: de acordo com o questionário da UNODC aos estados, publicado em 2018, o país foi o segundo mais mencionado como fonte da cocaína apreendida na Europa (16% das menções), logo atrás da Colômbia (20% das

menções). Além disso, é o único país mencionado nas apreensões da droga no continente africano, e o mais mencionado nas apreensões no Oriente Médio e na Ásia. Essas dinâmicas podem influenciar o mercado interno brasileiro, além de influenciar a economia local. Em relação ao tráfico da cocaína, mais estudos são necessários para investigar como o desenvolvimento de novas cadeias de valores afeta todas as atividades relacionadas no país, principalmente em relação a transporte, transferência de cargas provenientes de outros países, armazenamento, varejo, lavagem de dinheiro, entre outros. Qual é o efeito sobre o mercado de trabalho informal dos jovens pobres? Há impacto sobre as relações entre organizações criminosas e o ambiente sociopolítico em que se inserem? Passo agora a levantar algumas questões relacionadas às pesquisas sobre mulas nigerianas e a circulação marítima, responsáveis por grande parte das exportações do Brasil para a África.

Questões relacionadas ao impacto do aumento do comércio marítimo sobre os mercados e o desenvolvimento locais

A maior parte da circulação de drogas acontece via comércio marítimo, incluindo navios de carga. A cocaína é escondida entre mercadorias legais ou em contêineres piratas (prática conhecida como “rip off”). Outra tática é descarregar a droga antes da chegada do contêiner ao porto final. Uma primeira implicação para o desenvolvimento brasileiro é que esse processo de exportação produz um acúmulo rápido de capital.

Como apontado na primeira parte do artigo, não há novidades nesse processo de circulação da cocaína, embora o aumento na apreensão de drogas confirme o envolvimento direto de grandes traficantes brasileiros. Em 2014, por exemplo, 874 quilos de cocaína com destino ao Congo foram apreendidos em Puerto Félix (Paraguai). A carga pertencia a Jorge Rafaat Toumani, assassinado em 2016 pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) (ABC Color 2014). Esse comércio só pode se desenvolver a partir do acesso a grandes portos. No sul do Brasil, onde acredita-se que a maior parte da cocaína seja proveniente do Peru e da Bolívia, os portos de Santos, Paranaguá, Itajaí e Rio Grande têm papel central na exportação da droga e são controlados pelo PCC e empresários ligados à facção.⁷

Em sua famosa obra *Narconomics*, Wainwright (2016) afirma que os mercados de droga locais são muito menos lucrativos do que os de exportação. Essa ideia é consonante com as de Buxton (2006), Bergman (2010, p. 30) e Fabre (2002): embora analisem casos, produtos e períodos diferentes, os três autores concluem que os maiores benefícios não são reservados aos produtores e laboratórios que fabricam as drogas, mas sim ao grande exportador responsável por fazer a mercadoria chegar ao atacadista na zona de consumo (entre 10x e 15x). Suas margens também são muito mais altas do que as do comércio varejista (cerca de 2x). Como consequência, a evolução das redes de tráfico no Brasil depende dessa receita e da capacidade dos agentes de garantir seus acessos. A cadeia de valores poderia explicar por que, em algumas circunstâncias, podem ocorrer ondas de violência, como aconteceu na fronteira de Cidade Juárez (México), que dá acesso ao território americano (Wainwright 2016, pp. 52–53). Embora acredite-se que o PCC tenha contribuído para a redução da violência urbana em São Paulo (Ferreira, Lima & Bresa, 2009) e receba os créditos pela pacificação de parte do código das ruas da cidade (Feltran 2010), a competição pela renda proveniente dos mercados de drogas talvez possa explicar a dimensão simbólica e espacial da violência entre facções desde janeiro de 2017. O Primeiro Comando da Capital, Família do Norte (FDN) e Comando Vermelho (CV) competem pelo controle dos principais portos e entrepostos de distribuição do país – o porto de Fortaleza, por exemplo, de onde saem veleiros⁸ e navios cargueiros carregados de cocaína com destino a Cabo Verde e Europa. Globalmente, explicou-se que os massacres em Manaus foram consequência da competição pelo controle da “rota do Solimões”, mas também se aventou a hipótese de terem acontecido graças à necessidade de assegurar o acesso ao porto da cidade.

Na África Ocidental, acredita-se que o desenvolvimento da competição por proteções e controle da cadeia de valores tenha sido a causa de vários conflitos violentos na região. O conflito no norte do Mali, a competição entre grupos tribais e a rebelião tuaregue em Azawad (que levou à revolta separatista contra o governo de Bamako) podem ser citados como exemplos. Ellis e Shaw sugerem que a principal causa do conflito foram rivalidades econômicas pelo controle das remessas de cocaína em direção ao norte e de mercadorias subsidiadas em direção ao sul, provenientes da Argélia (Ellis Shaw 2015). Na Guiné-Bissau, a rivalidade e a competição estariam concentradas nas forças militares (mais precisamente na Marinha), na polícia e em diferentes redes políticas, o que contribuiria para a instabilidade do país (Shaw 2015). A necessidade de

⁷ Entrevista com agente alfandegário em São Paulo, novembro de 2016.

⁸ Entrevista realizada em São Paulo, julho de 2018.

estabilidade e de proteção constantes para garantir a circulação das mercadorias tende a favorecer agentes com acesso a esses privilégios. No entanto, outros subcontratados e intermediários podem surgir a partir do desenvolvimento de novos mercados e canais de circulação. Eles podem transformar a cadeia de valores e contar com o desenvolvimento de mercados de proteção para criar seus próprios negócios. Moçambique parece ser um bom exemplo da ruptura desses monopólios. Ali, pesquisas empíricas recentes mostraram que as pelo menos 40 toneladas de heroína que passam anualmente pelo país, provenientes do Afeganistão e do Paquistão, não são mais controladas pelos oficiais da Frelimo e pelas famílias que estão no poder desde a guerra civil (Hanlon 2018) — elas agora circulam por diferentes redes e canais, com proteções concorrentes.

A respeito do impacto sobre o desenvolvimento, Bergman (2010) concluiu que, no México, o fluxo de moedas estrangeiras teve impacto direto sobre a economia legal e a competitividade entre empresas locais. No caso do desenvolvimento do mercado de exportações no Peru, os empregos relacionados ao cultivo da coca chegaram a representar 15% da força de trabalho do país (Buxton 2006, p. 106). No Brasil, Christian Geffray mostrou que o desenvolvimento do comércio de precursores químicos da cocaína entre a Bolívia e o estado de Rondônia abriu caminho para o aumento na circulação da droga no estado na década de 1990. Empresários do crime e da política lavavam o dinheiro por meio da agricultura de café local, criando um incentivo para a produção do grão abaixo do preço praticado no mercado nacional e levando à criação, pelo Banco Central, do termo “milagre de Rondônia” (Geffray 2009). É provável que o aumento nas exportações da cocaína esteja produzindo efeitos similares.

Perfis de risco no mercado de mulas do tráfico

O protagonismo da Nigéria na economia das mulas do tráfico não chega a ser uma novidade. Na década de 1950, autoridades nos Estados Unidos identificaram as redes de tráfico de heroína organizadas entre Lagos, Abidijan e Beirute. Já na década de 1960, nigerianos e ganeses exportavam maconha para a Europa e o tráfico de heroína ganhou grande impulso, algumas vezes com a ajuda da CIA (McCoy 1991). Contrabandistas nigerianos e ganeses passaram a trabalhar com cocaína na década de 1980 (Ellis 2009 p. 172). Como lembra Ellis,

desde seu surgimento, a rota de comércio pela África Ocidental para esses destinos parecia estar em grande parte nas mãos de grupos do sul da Nigéria. Portanto, é interessante notar que, na década de 1980, a Arábia Saudita já se destacava entre os países com o maior número de nigerianos detidos por crimes relacionados ao tráfico, atrás somente dos Estados Unidos e do Reino Unido. É mais provável encontrar pessoas do norte da Nigéria envolvidas com o transporte de drogas ilegais (inclusive sob o *hajj*) no Oriente Médio do que no comércio do Atlântico Norte, dadas as conexões históricas entre essa região nigeriana e o mundo islâmico (Ellis 2009, p. 175).

Ellis também chama atenção para o fato de que os contrabandistas nigerianos, inclusive oficiais da Marinha baseados na Índia, recebem o crédito pela técnica de embalar a cocaína proveniente da América do Sul e a heroína proveniente da Ásia em camisinhas antes de serem engolidas pelas mulas. Entretanto, o regime de Babangida (1985–1993) ainda é visto como principal momento de impulso do tráfico no país, e houve um grande aumento no número de nigerianos detidos em outros países nessa mesma época (Ellis 2009).

O número de africanos vivendo no Brasil subiu de mil no ano 2000 para 30.000 em 2012 (Vilarinho 2014). O país recebeu menos de mil indivíduos em busca de asilo em 2010, mas o número de refugiados provenientes do Haiti, da Angola, da República Democrática do Congo e da Nigéria atingiu 28.670 em 2015 (Noel 2018). Eu soube da presença de nigerianos em São Paulo nesse mesmo ano, quando me foi dito por ativistas sociais e um oficial municipal responsáveis pelo auxílio aos imigrantes africanos que essas pessoas estavam fugindo da rebelião do Boko Haram.⁹ Após algumas entrevistas, ficou claro que a maioria dos nigerianos que conheci fazia parte do grupo igbo, que habita a região do sul da Nigéria.¹⁰ A maioria das pessoas com quem conversei acreditava que nigerianos eram traficantes e expressaram racismo ou preconceitos similares àquele direcionado a indivíduos negros no Brasil. Os programas brasileiros da TV aberta também podem ter contribuído com a fama de “traficantes internacionais” desses imigrantes, construída em matérias sensacionalistas.¹¹ Sob essa perspectiva, mulas do tráfico incorporam as características de imigrantes negros

⁹ Entrevista realizada em São Paulo, maio de 2015.

¹⁰ Embora realmente haja uma minoria igbo habitando o nordeste da Nigéria, a insurgência do Boko Haram fica mais de mil quilômetros ao norte da “Igbolândia”.

¹¹ Ver, por exemplo, https://www.youtube.com/watch?v=BiBBXYcpB_Y.

criminosos que vêm ao país para contrabandear drogas e se tornam as figuras mais visíveis desse comércio transatlântico.

Os parentes de mulas com quem conversei compartilham da mesma trajetória; no entanto, contam uma história diferente. A maior parte dos nigerianos e senegaleses pagaram milhares de dólares para conseguir se estabelecer no Brasil depois de cruzar ilegalmente a fronteira do Equador, onde chegam sem o visto. Outros solicitaram um visto temporário antes de viajarem. Ao se ver em São Paulo, a maioria esperava conseguir trabalho, especialmente tendo em vista a Copa do Mundo de futebol de 2014. Acabaram trabalhando com contratos diários ou semanais para grandes construtoras¹² ou ajudando outras pessoas da mesma nacionalidade em seus pequenos negócios. Alguns se acomodavam e socializavam em igrejas evangélicas frequentadas por outros nigerianos. Outros pagavam entre R\$ 600 e R\$ 800 mensais em contratos informais de aluguel de camas em dormitórios, quantia muito alta para seus salários.

Os lucros individuais das mulas são muito baixos em comparação ao risco que assumem. Entrevistas realizadas em São Paulo sugerem que a maioria das mulas recrutadas por nigerianos é formada por conterrâneos, mas também por brasileiros, sul-africanos, congolese e senegaleses,¹³ todos considerados mulas “de baixo custo”. Algumas dessas pessoas desejam voltar aos seus países de origem depois da experiência no Brasil. Apesar de ter consciência do que estão fazendo, a maioria desconhece os riscos de prisão e morte (relacionada à implosão das cápsulas de droga dentro do organismo), e a existência da pena de morte em alguns países da Ásia e do Oriente Médio (Phipps 2015). Em vez de criminalizadas, essas pessoas deveriam ser consideradas vítimas de uma forma de tráfico humano. Elas devem trazer bagagens de terceiros ou esconder a mercadoria na própria bagagem. Como pagamento, recebem a viagem de retorno ao seu país, mais US\$ 1.000,00. O “modelo de negócios” por trás dessa atividade demanda a contratação de muitos indivíduos devido ao alto risco de serem descobertos.

A atividade cresceu muito nos últimos anos e o volume de drogas transportado por mulas passou a ser significativo. Durante o controle de passageiros com destino a Luanda, em 2013, a Polícia Federal brasileira identificou 20 pessoas transportando cocaína — a maioria, nigerianos vindos do Brasil.¹⁴ Oficiais africanos relataram que o UNODC forçou companhias aéreas a descontinuar voos entre São Paulo e a África Ocidental devido ao grande número de mulas do tráfico presentes neles.¹⁵ Juízes franceses em Cayenne (Guiana Francesa) também sugerem que ao menos 10 mulas cheguem à capital do país diariamente e suspeitam que o mesmo aconteça em voos entre Fortaleza e a Europa.¹⁶ No entanto, as mulas nigerianas provavelmente representam apenas uma pequena parte da prática, a mais visível e, provavelmente, mais procurada pela polícia e por autoridades estrangeiras que atuam nos aeroportos brasileiros. Em 2010, por exemplo, 362 pessoas foram presas por tráfico de drogas no aeroporto de Guarulhos: dentre elas, 53 brasileiros, 53 nigerianos e 46 angolanos (Rizzo 2011b). Dados da polícia no aeroporto de Lagos referentes ao ano de 2015 mostram que, durante os primeiros seis meses do ano, 75 pessoas foram presas enquanto saíam ou chegavam ao aeroporto. Das 75, 15 apresentavam documentos com endereço em São Paulo, a maioria no centro da cidade ou na Zona Leste (Itaquera, Guaianases). Todos eram nigerianos, grande parte nascidos nos estados do sul do país.¹⁷ Poucas são as investigações realizadas antes das apreensões, e os dados refletem o foco policial sobre determinados perfis, especialmente relacionados a mulas individuais. Um número muito reduzido de pessoas é identificado como parte de uma rede mais ampla.

Existem ainda mulas “de elite”, mais caras. Por exemplo, a sobrinha de Odumegwu Ojukwu, ex-presidente da “Biafra independente”, foi detida em 2015 por um oficial da NDLEA (Agência Nacional de Combate às Drogas) quando chegava de São Paulo em um voo com escala em Dubai carregando 2,4 kg de cocaína (Etegehe 2016). Outro caso foi o de Okolo Emenike Kingsley, empresário que trazia 9,15 kg de cocaína nos sapatos que carregava na mala. Segundo policiais entrevistados, essas mulas possuem um perfil de “mais baixo risco” e fazem parte de estratégias de diversificação. Elas conseguem carregar mais drogas a riscos mais baixos e recebem muito mais por isso: entre US\$ 5.000,00 e US\$ 8.000,00.¹⁸ Outros perfis identificados foram os de estrangeiros, pessoas com passaporte diplomático e viajantes frequentes.¹⁹ Essa estratégia confirma que,

¹² Entrevistas com senegaleses e nigerianos que se instalaram em São Paulo entre 2013 e 2016.

¹³ Entrevista com policiais realizada em julho de 2018.

¹⁴ Entrevista com agente alfandegário em São Paulo realizada em 2016.

¹⁵ Entrevistas em Dakar, dezembro de 2016.

¹⁶ Entrevistas com agentes franceses realizadas em 2015 e 2018.

¹⁷ Abia, Akwa Ibom, Anambra, Delta, Enugu, Ebonyi, Imo.

¹⁸ Entrevistas realizadas em Lagos em 2016 e 2017.

¹⁹ Entrevista com agente alfandegário em Lagos realizada em 2016.

dependendo do nível de risco, recrutadores contam com diferentes redes e recursos, indicativo da segmentação do mercado de mulas.

Mulas do tráfico: mercadorias atraentes, novos intermediários e redes do crime na Nigéria

O caso das mulas nigerianas no Brasil mostra como o desenvolvimento de mercados de exportação criou uma nova mercadoria (a mula) e oportunidades para novos empresários do crime. O recrutamento de mulas se tornou um negócio que abrange diferentes perfis de risco e agentes criminais, cada vez mais interessados na exploração dos perfis mais baratos e vulneráveis. Os empresários do crime nigerianos passaram a ocupar um papel de maior proeminência e parecem ter ampliado sua participação no mercado, figurando agora como importantes subcontratados para empresários brasileiros e envolvidos com o PCC.

Nos últimos anos, agentes criminais nigerianos se estabeleceram no Brasil, especialmente em São Paulo. Acredita-se que alguns dos organizadores nigerianos do tráfico circulem extensivamente entre a Ásia, a Nigéria, o Brasil e a Venezuela. Eles recrutam pessoas no centro da cidade e nas igrejas, importantes centros para as comunidades imigrantes.²⁰ Um chefe nigeriano construiu sua reputação operando entre São Paulo e Lagos: acredita-se que ele pague aproximadamente € 6.000,00 pelo quilo da cocaína em São Paulo (cloridato, 90% de pureza)²¹ para revender por € 14.000,00–18.000,00 na costa da África Ocidental.²² Não é possível determinar se a diferença de preço pode ser explicada pela disponibilidade ou pelos custos mais baixos de operação, mas, se esses números forem confiáveis, o chefe lucraria € 8.000,00 por cada quilo transportado por mulas, que custaram a ele US\$ 1.500,00 cada. Ou seja: a detenção e morte de algumas mulas é vastamente compensada pelo lucro proporcionado pelas que chegam com sucesso aos seus destinos. Mesmo que o sucesso das empreitadas seja baixo, os riscos econômicos para os empresários envolvidos são muito limitados.

Esse potencial de lucro atraiu pelo menos uma organização criminosa: o grupo cultista nigeriano *Neo Black Movement* (NBM), também conhecido como *Black Axe Movement* (ou *Aiye*). Os grupos cultistas nigerianos, algumas vezes chamados de irmandades, surgiram como associações seletivas de estudantes universitários baseadas no modelo *Oxbridge*. A primeira irmandade foi criada na Universidade de Ibadan, em 1952, inicialmente com o objetivo de promover a identidade iorubá, e muitas seguiram a essa nos anos seguintes. Inicialmente manipuladas por juntas militares para combater organizações de esquerda e pró-democráticas nos campus das universidades, gradativamente passaram a se envolver em incêndios, taxaço de mercados e tráfico de pessoas e drogas.²³ O NBM foi criado em 1978 na Universidade da Cidade do Benin (capital do estado de Edo), em reação à criação da irmandade *Pyrate*. Ela atua em Lagos e na Cidade de Benin. Testemunhos e documentos internos do NBM confirmam que, nos últimos anos, o grupo abriu pelo menos um “templo” em São Paulo e outro na Venezuela. Embora os membros não precisem estar próximos do templo, sua criação em São Paulo indica a existência de uma comunidade mais ampla e forte organização dos membros afiliados. Cada “templo” é responsável por uma zona, administrada por um “chefe regional” (chamado de “sacerdote-chefe”), que por sua vez é monitorado por diferentes órgãos, como o “conselho regional de anciãos” e o “conselho executivo regional”.²⁴ Por ser responsável pela coleta das contribuições de todos os membros, o sacerdote-chefe também fica encarregado da organização das atividades do culto e do ajuda aos associados em necessidade. Ele conta ainda com o apoio de um tesoureiro e de um chefe de segurança, entre outros. A organização gerencia e mobiliza a rede mundial, além de trabalhar com empresários locais no Brasil e na Nigéria para administrar a logística das mulas e fechar grandes negócios.

Embora seu envolvimento com o tráfico precise ser mais estudado, acredita-se que os cultistas tenham estabelecido parcerias com agentes locais e que, desde então, passaram a atuar de forma mais ativa na globalização do mercado das drogas brasileiro. Em 2016, por exemplo, correram rumores de que nigerianos e tanzanianos tentaram introduzir a heroína na “Cracolândia” (Toledo 2016). A dinâmica também se destaca na análise das partidas e chegadas de mulas presas em Lagos ao longo de 2015: havia nigerianos com destino a Istambul, Dubai, Joanesburgo, Adis Abeba, Nairóbi e Beijing. Outras mulas detidas no mesmo

²⁰ Entrevistas op cit.

²¹ Preços informados por duas fontes diferentes em 2018; preços coletados em São Paulo entre 2015 e 2017 eram de 4.000 e 5.000 euros por quilo.

²² Preços coletados no Senegal e na Nigéria entre dezembro de 2016 e junho de 2018.

²³ Entrevistas com alunos e membros na Cidade de Benin realizadas em dezembro de 2017.

²⁴ Entrevistas com um pesquisador da Cidade de Benin realizada em dezembro de 2017.

período haviam partido desses mesmos aeroportos. Elas transportavam cocaína, mas também heroína, metanfetamina, efedrina e maconha. Nesse cenário, o desenvolvimento de conexões e o uso da Nigéria, de Casablanca e de Dubai como polos de distribuição permitem que o Brasil seja gradativamente integrado ao grande mercado global de drogas. Na Itália, o NBM começou com atividades menos lucrativas, como o comércio de drogas nas ruas e o recrutamento de mulas, até se tornar parceiro do grupo mafioso Cosa Nostra em 2011 (Tondo 2016).²⁵ Hoje, ele é responsável por redes de drogas e tráfico para exploração sexual de mulheres provenientes do estado de Edo. Julgamentos recentes na França revelaram a atuação de outro grupo cultista, o Supreme Eiyé (ou Air Lords), criado em 1963 e que está atualmente envolvido com tráfico humano e de drogas entre os dois continentes. Sua presença também foi viabilizada por acordos com grupos criminosos italianos.

Conclusão

Embora os imigrantes africanos enfrentem o mesmo processo de criminalização que os negros brasileiros, o desenvolvimento de mercados transatlânticos de drogas entre Brasil e África conta com proteções de alto nível dentro dos estados e na emergência de um mercado de proteções no qual concorrem exércitos, forças policiais e governos africanos. A internacionalização do mercado e a intensificação do comércio de cocaína que atravessa o Brasil ainda não foram estudados; no entanto, há evidências de que, graças à intensa concentração de capital e a competição gerada pelas exportações em atacado, o mercado global e as dinâmicas internacionais estão influenciando fortemente o mercado interno brasileiro e os traficantes locais. Como visto no caso das mulas nigerianas (algumas das quais são, na verdade, imigrantes vulneráveis), há evidências de novas atividades relacionadas ao tráfico, que oferecem oportunidades para novos agentes. As redes nigerianas também conectam o Brasil com novos mercados ilícitos, protagonizados por empresários individuais nigerianos e por novos agentes, como o NBM.

São três as questões levantadas pelo desenvolvimento de um lucrativo mercado de exportação no Brasil. A primeira diz respeito ao impacto da competição por pontos de exportação sobre o uso da violência e até que ponto ela explica os fatores sociais e espaciais dessa violência. A segunda é como essa globalização afeta a cadeia de valor nos mercados locais. Esses dois mercados se interpõem? Eles levam a uma menor disponibilidade local? As margens de lucros oferecidas pelo mercado exportador podem ser responsáveis pela redução do preço dos derivados de cocaína no mercado brasileiro? Finalmente, em diálogo com a literatura existente sobre outros casos, precisamos questionar como o desenvolvimento de novas cadeias de valores afeta todas as atividades relacionadas (transporte, transferências provenientes de outros países, armazenamento, mistura, venda, lavagem de dinheiro) e como as variações do mercado global afetam essas economias políticas. Elas poderiam afetar as relações entre esses agentes e as instituições locais? Por exemplo, nas áreas rurais atravessadas por grandes cargas, houve uma marginalização das atividades tradicionais (como agricultura e criação de gado)? Qual é o impacto do tráfico no mercado de trabalho nesses locais? Podemos sugerir a hipótese de que ele se torna menos atrativo para os jovens? Qual é o impacto desse mercado sobre a juventude desempregada nessas áreas? Ele acaba por prejudicar atividades legalizadas?

Conflito de Interesses

O autor não tem interesses conflitantes a declarar.

Referências

- ABC Color.** 2014. Confiscan 847 kilos de cocaína del capomafioso fronterizo Jorge Rafat. *ABC Color*, 22 de abril de 2014 [online]. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/judiciales-y-policiales/confiscan-847-kilos-de-cocaina-del-capomafioso-fronterizo-jorge-rafat-1278422.html> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- African Blog.** 2013. Inside A \$1 Billion West African Cocaine Cartel. *African Narco News*, 14 de outubro de 2013 [online]. Disponível em: <http://african-business.blogspot.com/2013/10/inside-1-billion-west-african-cocaine.html> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Anesi, C e Rubino, G.** 2017. The Girl in Abidjan. *Correctiv*, 13 de novembro de 2017 [online]. Disponível em: <https://correctiv.org/en/latest-stories/2017/11/13/the-girl-in-abidjan> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Bayart, J-F, Ellis, S e Hibou, B.** 1997. *La criminalisation de l'Etat en Afrique*. Bruxelas: Complexe.

²⁵ <https://www.theguardian.com/global-development/2016/jun/11/mafia-palermo-nigerian-gangsters-hit-sicily-shores>.

- Beckert, J e Wehinger, F.** 2013. In the shadow: illegal markets and economic sociology. *Socio-Economic Review*, 11: 5–30. DOI: <https://doi.org/10.1093/ser/mws020>
- Bergman, M.** 2010. Narco-politique et narco-économie en Amérique latine. *Problèmes d'Amérique latine*, 2(76): 25–41. DOI: <https://doi.org/10.3917/pal.076.0025>
- Biondi, K.** 2010. *Junto e Misturado: Uma Etnografia do PCC*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- Chabal, P e Green, T.** 2016. *Guinea-Bissau: Micro-State to "Narco-State"*. Londres: Hurst & Company.
- Champin, C.** 2010. *Afrique noire, poudre blanche : l'Afrique sous la coupe des cartels de la drogue*. Paris: RFI André Versaille.
- Champin, C.** 2011. Cocaïne, latinos et truands hollandais en Gambie. *Afrique Drogue*, 21 de outubro de 2011 [online]. Disponível em: <http://afriquedrogue.blogs.rfi.fr/article/2011/10/21/cocaine-latinos-et-truands-hollandais-en-gambie.html> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Chittum, R, Bernstein, J e Hudson, M.** 2016. Malefactors of Mossack Fonseca: Meet The Dutchman, the Queen of the South and the Boss of Bosses. *Mail & Guardian*, 9 de maio de 2016 [online]. Disponível em: <https://mg.co.za/article/2016-05-09-00-malefactors-of-mossack-fonseca-meet-the-dutchman-the-queen-of-the-south-and-the-boss-of-bosses/> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019)
- Chouvy, P-A.** 2016. The myth of the narco-state. *Space and Polity*, 20(1): 26–38. DOI: <https://doi.org/10.1080/13562576.2015.1052348>
- Coulibaly, D.** 2016. L'enquête sur l'Affaire "Air Cocaïne": Un Echec Délibéré'. *Le Combat*, 26 de setembro de 2016 [online]. Disponível em: <http://lecombat.fr/lenquete-sur-laffaire-air-cocaine-un-echec-delibere/> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Ellis, S.** 2009. West Africa's International Drug Trade. *African Affairs*, 108(431): 171–196. DOI: <https://doi.org/10.1093/afraf/adp017>
- Ellis, S e Shaw, M.** 2015. 'Does organized crime exists in Africa?'. *African Affairs*, 114(457): 505–528. DOI: <https://doi.org/10.1093/afraf/adv035>
- Etegehe, D.** 2016. Ojukwu's niece, others arrested in 2.24kg drug bust. *Vanguard*, 12 de janeiro de 2016 [online]. Disponível em: <https://www.vanguardngr.com/2016/01/ojukwus-niece-others-arrested-in-2-24kg-drug-bust/> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Fabre, G.** 2002. *Criminal Prosperity: Drug Trafficking, Money Laundering and Financial Crises after the Cold War*. Londres: Routledge Curzon.
- Feltran, G.** 2010. The Management of Violence on the São Paulo Periphery: the repertoire of normative apparatus in the "PCC era". *Vibrant, Virtual Brazilian Ethnography*, 7(2).
- Ferreira, S, Lima, R e Bessa, V.** 2009. Criminalidade violenta e homicídios em São Paulo: fatores explicativos e movimentos recentes. *Coleção Segurança com Cidadania/Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça*, 2(1): 11–20.
- Geffray, C.** 2009. État, richesse et criminels. In: Guillaud, Y e Létang, F (org.), *Du social hors la loi : l'anthropologie analytique de Christian Geffray*. Marselha : IRD Collection, pp. 243–270. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.irdeditions.213>
- Guaracy, M.** 2001. L'argent et le trafic de drogues à São Paulo. *Revue internationale des sciences sociales*, 3(169): 419–426. DOI: <https://doi.org/10.3917/riss.169.0419>
- Hanlon, J.** 2018. The Uberization of Mozambique's heroin trade, International development. *LSE Working Paper Series 2018*, n° 18–190.
- InSight Crime.** 2016. Daniel Barrera Barrera, alias "El Loco". *InSight Crime*, 7 de novembro de 2016 [online]. Disponível em: <https://www.insightcrime.org/colombia-organized-crime-news/daniel-barrera-barrera-el-loco-barrera/> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Kadiri, G.** 2017. En Côte d'Ivoire, le trafic de drogue aux mains de la mafia nigériane. *Le Monde*, 6 de abril de 2017 [online]. Disponível em: http://www.lemonde.fr/afrique/article/2017/04/06/en-cote-d-ivoire-le-traffic-de-drogue-aux-mains-de-la-mafia-nigeriane_5107002_3212.html (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Klantschnig, G e Huang, C.** 2018. Fake drugs: health, wealth and regulation in Nigeria. *Review of African Political Economy* [online]. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03056244.2018.1536975> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019). DOI: <https://doi.org/10.1080/03056244.2018.1536975>
- Lacher, W.** 2014. Challenging the Myth of the Drug-Terror Nexus in the Sahel. *WACD Background Paper*, 41.
- Lasusa, M.** 2016. Brazil Is Top Cocaine Transshipment Country for Europe, Africa, Asia. *Insight Crime*, 24 de junho de 2016 [online]. Disponível em: <https://www.insightcrime.org/news/brief/brazil-is-top-cocaine-transshipment-country-for-europe-africa-asia/> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).

- Majova, Z, Mgbisa, M, Brümmer, S, Sole, S e Dawes, N.** 2007. Who is Nelson Yester-Garrido? *Mail & Guardian*, 29 de junho de 2007 [online]. Disponível em: <https://mg.co.za/article/2007-06-29-who-is-nelson-yester-garrido> (Último acesso: 10 de fevereiro de 2019).
- McCoy, AW.** 1991. *The Politics of Heroin: CIA complicity in the global drug trade*. Nova York: Lawrence Hill Books.
- Misse, M.** 2010. Les organisations criminelles au Brésil : la complexité des marchés illégaux en milieu urbain. *Problèmes d'Amérique latine*, 76(2): 43–60. DOI: <https://doi.org/10.3917/pal.076.0043>
- Noel, P.** 2018. DESTINO: SÃO PAULO Refugiados africanos cruzam o Atlântico para viver no Brasil. *The Intercept*, 23 de junho de 2018 [online]. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/06/23/refugiados-africanos-brasil/> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Observatoire Géopolitique des Drogues.** 1994. *Guinée Equatoriale : un narco-régime en Afrique*. Disponível em: <http://base.d-p-h.info/fr/fiches/premierdph/fiche-premierdph-2002.html> (Último acesso: 10 de fevereiro de 2019).
- Phipps, C.** 2015. Who were the eight people executed by Indonesia? *The Guardian*. 28 de abril de 2015 [online]. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/apr/29/bali-nine-who-are-the-nine-people-being-executed-by-indonesia> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Polícia Federal, Agência de Notícias.** 2018. PF combate tráfico de drogas e lavagem de dinheiro na Bahia. 4 de novembro de 2018 [online]. Disponível em: <http://www.pf.gov.br/agencia/noticias/2018/12/pf-combate-traffic-de-drogas-e-lavagem-de-dinheiro-na-bahia> (Último acesso: 10 de fevereiro de 2019).
- Rizzo, A.** 2011a. East European Mafia and Other International Groups Infiltrated into Brazil Control the Lucrative Drug Trafficking Market. *Correio Braziliense*, 1 de agosto de 2011, citado nos arquivos de inteligência global Wikileaks. "AFRICA/LATAM/EU/MESA – Brazil: Daily reports on international crime groups' control of drug market – BRAZIL/PARAGUAY/NIGERIA/BOLIVIA/SOUTH AFRICA/CUBA/OMAN/France/ZIMBABWE/SPAIN/ITALY/ANGOLA/PERU/COLOMBIA/GUINEA/CHAD/AFRICA/UK/SERBIA [online]. Disponível em: https://wikileaks.org/gifiles/docs/68/687900_africa-latam-eu-mesa-brazil-daily-reports-on-international.html (Último acesso: 10 de fevereiro de 2019).
- Rizzo, A.** 2011b. Transporte de drogas – mulas são recrutadas diariamente. *Correio Braziliense*. 1 de agosto de 2011 [online]. Disponível em: <http://policiadefronteira.blogspot.com/2011/08/transporte-de-drogas-mulas-sao.html> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Sahara Reporters.** 2016. NDLEA Busts Major Methamphetamine Lab In Delta State, Arrests Four Mexicans, Four Nigerians. *Sahara Reporters*, 13 de março de 2016 [online]. Disponível em: <http://saharareporters.com/2016/03/13/ndlea-busts-major-methamphetamine-lab-delta-state-arrests-four-mexicans-four-nigerians> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Shaw, M.** 2015. Drug trafficking in Guinea-Bissau, 1998–2014: the evolution of an elite protection network. *Journal of Modern African Studies*, 53(3): 339–364. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022278X15000361>
- Syvertsen, JL, Ohaga, S, Agot, K, Dimova, M, Guise, A, Rhodes, T e Wagner, KD.** 2016. An ethnographic exploration of drug markets in Kisumu, Kenya. *The International journal on drug policy*, 30: 82–90. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2016.01.001>
- Telles, V.** 2014. Gestion de la violence ou gestion (disputée) de l'ordre? Interrogations à partir d'une étude sur le marché de la drogue à São Paulo. *L'Ordinaire des Amériques*, 216 [online]. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ordea/1120> (Accessed: 20 de fevereiro de 2019). DOI: <https://doi.org/10.4000/ordea.1120>
- Thiolay, B.** 2015. Cocaïne: révélations sur la poudrière malienne. *L'Express*, 28 de maio de 2015 [online]. Disponível em: https://www.lexpress.fr/actualite/monde/afrique/cocaine-revelations-sur-la-poudriere-malienne_1683121.html (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Thoumi, FE.** 2005. The Colombian Competitive Advantage in Illegal Drugs: The Role of Policies and Institutional Changes. *Journal of Drug Issues*, 35(1): 7–26. DOI: <https://doi.org/10.1177/002204260503500101>
- Tinti, P.** 2014. Illicit trafficking and Instability in Mali : past, present and future. *Global Initiative against Transnational Organized Crime*, janeiro/2014.
- Toledo, LF.** 2016. Heroína chega à Cracolândia a R\$ 50; droga é trazida de países africanos. O Estado de São Paulo, 24 de outubro de 2016 [online]. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,heroína-chega-a-cracolandia-a-r-50-droga-e-trazida-de-paises-africanos,10000083912> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Tondo, L.** 2016. Mafia at a crossroads as Nigerian gangsters hit Sicily's shores. *The Guardian*, 11 de junho de 2016 [online]. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2016/jun/11/mafia-palermo-nigerian-gangsters-hit-sicily-shores> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).

- United States Department of State, Bureau for International Narcotics and Law Enforcement Affairs.** 2017. *International Narcotics Control Strategy Report*, 1.
- US Embassy in Assumption.** 2005. '05ASUNCION870_a, Paraguay's 2005 second quarter Inl report 2005 July 8', Wikileaks. Disponível em: https://wikileaks.org/plusd/cables/05ASUNCION870_a.html (Último acesso: 10 de fevereiro de 2019).
- US Embassy in Conakry.** 2008. 'COCAINE REPORTEDLY STOLEN FROM OUSMANE CONTE'S VEHICLE, 08CONAKRY493_a', Wikileaks [online]. Disponível em: https://search.wikileaks.org/plusd/cables/08CONAKRY493_a.html (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Vilarinho, C.** 2014. Imigração africana no Brasil aumenta 30 vezes entre 2000 e 2012. *Bolo Notícias*, 10 de maio de 2014 [online]. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2014/05/10/imigracao-africana-no-brasil-aumenta-30-vezes-entre-2000-e-2012.htm?cmpid=copiaecola> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).
- Wainwright, T.** 2016. *Narconomics: How to Run a Drug Cartel*. Nova York: Public Affairs.
- West Africa Commission on Drugs.** 2014. *Not Just in Transit: Drugs, the State and Society in West Africa*. Disponível em: <http://www.wacommissionondrugs.org/wp-content/uploads/2014/11/WACD-Full-Report-Eng.pdf> (Último acesso: 20 de fevereiro de 2019).

How to cite this article: Cohen, C. 2019. Desenvolvimento do mercado de drogas brasileiro em direção à África: mitos, evidências e questões teóricas. *Journal of Illicit Economies and Development*, 1(2). DOI: <https://doi.org/10.31389/jied.27>

Submitted: 26 November 2018

Accepted: 19 March 2019

Published: 05 June 2019

Copyright: © 2019 The Author(s). This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC-BY 4.0), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited. See <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.



Journal of Illicit Economies and Development is a peer-reviewed open access journal published by LSE Press.

OPEN ACCESS